

"NOVAS" E "ANTIGAS" GUERRAS CIVIS: UMA DISTINÇÃO VÁLIDA¹?

Stathis N. Kalyvas

Tradução do inglês: Sebastião Nascimento

RESUMO

O artigo discute a percepção disseminada de que as guerras civis travadas após a Guerra Fria constituem fenômenos sobretudo criminais e orientados pela cobiça privada, em contraste com a determinação coletiva e político-ideológica dos conflitos predecessores. O autor argumenta que tal distinção carece de fundamento analítico e empírico, por basear-se em informações parciais e enviesadas sobre guerras recém-travadas ou em curso e por desprezarem estudos históricos recentes sobre guerras passadas. Assim é que pesquisas etnográficas e evidências colhidas após o curso dos conflitos sugerem a necessidade de uma metodologia de estudo mais qualificada e uma interpretação mais matizada sobre as guerras civis.

Palavras-chave: guerras civis; violência; revoluções; pilhagem; Guerra Fria.

SUMMARY

The article discusses the widespread perception that post-Cold War civil wars constitute a criminal phenomenon oriented by private greed, in contrast to the collectively and political-ideologically determination of former conflicts. The author argues that such distinction lacks analytical and empirical support, for it is based upon incomplete and biased information on recent or ongoing wars and does not consider new historical studies about past wars. Thus, ethnographic researches and evidences collected after conflicts suggest that the study of civil wars should be strongly qualified in its methodology, looking for more complex interpretations.

Keywords: civil wars; violence; rebellions; looting; Cold War.

O declínio dos conflitos armados entre Estados e o sensível aumento da frequência de guerras civis desde o fim da Guerra Fria — especialmente na Europa — contribuíram para uma nova onda de interesse pelas guerras civis². Esse interesse se concentra na competição étnica como fonte de conflito e considera as guerras civis da era pós-Guerra Fria ("novas" guerras civis) fundamentalmente distintas de suas predecessoras ("antigas" guerras civis), por constituírem fenômenos mais criminais que políticos. Uma vez que o tema da competição étnica tem sido eficazmente abordado por pesquisas recentes³, procuro aqui pôr em questão a tendência a distinguir entre "novas" e "antigas" guerras civis, sob o argumento de que se baseia numa adoção acrítica de categorias e rótulos fundados sobre uma dupla descaracterização: por um lado, as informações sobre guerras recentes ou em curso são tipicamente parciais e enviesadas; por outro, a pesquisa his-

(1) Publicado originalmente em *World Politics*, n° 65, outubro de 2001, pp. 99-118. O autor agradece os comentários de Pierre Hassner, Sofia Pérez, Roger Petersen, Scott Straus, Libby Wood e dos participantes da conferência "La guerre entre le local et le global", Centre d'Études et Recherches Internationales, Paris, maio de 2000.

(2) Brubaker, Rogers e Laitin, David D. "Ethnic and nationalist violence". *Annual Review of Sociology*, n° 24, 1998; David, Steven R. "Internal war: causes and cures". *World Politics*, n° 49, 1997. Segundo pesquisas recentes, a prevalência de guerras civis nos anos 1990 se deve a uma contínua acumu-

tórica sobre guerras passadas tende a ser desconsiderada. Isso se combina com o fato de que o fim da Guerra Fria privou os analistas de categorias claras, que possibilitavam uma codificação ordenada das guerras civis, mesmo que em última instância equivocada. Desse modo, a distinção estabelecida entre os conflitos pós-Guerra Fria e seus antecessores pode ser atribuível mais à ausência de categorias conceituais prontamente acessíveis do que à existência de diferenças profundas.

Neste artigo inicialmente delineio as origens dessa distinção e em seguida a desagrego em três dimensões inter-relacionadas: causas e motivações, apoio popular e violência. Recorrendo a estudos recentes, sobretudo etnográficos, busco mostrar que informações parciais ou enviesadas sobre as recentes guerras civis turvam nossas interpretações sobre elas, e que uma atenção inadequada a recentes pesquisas históricas sobre guerras civis passadas afeta a compreensão que temos delas. Por fim, apresento algumas sugestões metodológicas para o estudo de guerras civis.

Origens da distinção

A maioria das versões da distinção entre antigas e novas guerras civis enfatiza ou assume que estas são caracteristicamente criminais, despolitizadas, privadas e predatórias, ao passo que as primeiras seriam ideológicas, políticas, coletivas e até mesmo nobres. A linha divisória entre guerras civis antigas e novas coincidiria *grosso modo* com o fim da Guerra Fria. Essa tendência a denegrir guerras recentes ou em curso não é nova, particularmente quando guerras civis travadas em outras nações são comparadas com as do próprio país do observador. Considere-se o argumento apresentado em 1949 por um jornalista britânico que cobriu a guerra civil grega:

Nas guerras civis inglesa e norte-americana havia patriotas de espírito elevado em ambos os lados. Nesses conflitos os participantes encontravam-se marcadamente divididos e as questões eram de tal profundidade, alcance e variedade que ao historiador não é possível condenar plenamente um dos lados e atribuir razão exclusiva ao outro, ainda que tenha a convicção de que o triunfo de um lado foi uma calamidade nacional, ou o inverso [...]. Tais considerações não se aplicam à guerra civil grega, que alcançou a magnitude mas não a natureza de uma guerra civil revolucionária. Ela não pode ser explicada seja em termos de descontentamentos populares, seja de negligência por parte do Estado⁴.

A manifestação pós-Guerra Fria desse tipo de argumento pode ser atribuída em parte a autores "leigos" e frequentadores das listas de *best-*

lação de conflitos desde os anos 1950, e não desde o fim da Guerra Fria (cf. Fearon, James D. e Laitin, David D. *Ethnicity, insurgency, and civil war*. Paper para o Laboratory in Comparative Ethnic Processes, Duke University, Durham, abril de 2000).

(3) Fearon e Laitin, op. cit.; Sambanis, Nicholas. "Partition as a solution of ethnic war: an empirical critique of the theoretical literature". *World Politics*, n° 52, 2000.

(4) Voigt, Frederick A. *The Greek Seditious*. Londres: Hollis and Carter, 1949. pp. 68-69.

(5) Enzensberger, Hans M. *Civil wars: from L.A. to Bosnia*. Nova York: The New Press, 1994; Kaplan, Robert D. *Balkan ghosts: a journey through history*. Nova York: Vintage, 1994; "The coming anarchy: how scarcity, crime, overpopulation, and disease are rapidly destroying the social fabric of our planet". *Atlantic Monthly*, nº 44, 1994; Ignatieff, Michaël. *The warrior's honor: ethnic war and the modern conscience*. Nova York: Henry Holt & Co., 1998.

(6) Lutwack, Edward N. "Great-powerless days". *Times Literary Supplement*, 16/06/1995; Holsti, Kalevi J. *The state, war, and the state of war*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996; Gray, Chris H. *Post-modern war, the new politics of conflicts*. Londres: Routledge, 1997; Duffield, Mark. "Post-modern conflict: warlords, post-adjustment states and private protection". *Civil Wars*, vol. 1, nº 1, 1998; Keen, David. "The economic function of violence in civil wars". *Adelphi Papers*, nº 320, 1998; Kaldor, Mary. *New and old wars: organized violence in a global era*. Stanford: Stanford University Press, 1999; Berdal, Mats e Malone, David M. (orgs.). *Greed and grievance: economic agendas in civil wars*. Boulder: Lynne Rienner, 2000.

(7) Grossman, Herschel I. "Kleptocracy and revolution". *Oxford Economic Papers*, vol. 51, nº 2, 1999; Collier, Paul. "Rebellion as a quasi-criminal activity". *Journal of Conflict Resolution*, vol. 44, nº 6, 2000; "Economic causes of civil conflict and their implications for policy". In: Crocker, Chester A., Hampson, Fen O. e Aall, Pamela (orgs.). *Managing global chaos*. Washington: U.S. Institute of Peace, 1996; Azam, Paul o Hoeffler, Anke. *Looting and conflict between ethno-regional groups: lessons for state formation in Africa*. Paper para o workshop "The economics of civil war", Center for International Studies/Banco Mundial, Princeton University, março de 2000; Collier, Paul e Hoeffler, Anke. *Justice-seeking and loot-seeking in civil war*. Washington: Banco Mundial, 1999 (mimeo); "Greed and grievance in civil war". *World Bank Policy Research Paper*, nº 2.355, 2000.

(8) Kaldor, op. cit., p. 66.

(9) Ourdan, Remy. "Le prix de la paix". *Le Monde*, 02/12/1999. Curiosamente, a publicação desse artigo coincidiu com o anúncio de um acordo de paz na Irlanda do Norte, e críticos desse acordo foram por sua vez criticados pela mesma mídia que condenara o acordo em

sellers, que produziram relatos vívidos sobre guerras civis recentes em lugares como Libéria, Bósnia e Serra Leoa⁵. Além deles, muitos acadêmicos das áreas de estudos de segurança e relações internacionais apresentaram versões variadas desse argumento⁶. Até mesmo economistas adotaram uma distinção analítica semelhante — guerras civis "em busca de justiça" e "em busca de pilhagem" — e passaram a construir modelos baseados na noção de rebelião como um empreendimento criminoso⁷. A adoção da distinção não é um mero exercício acadêmico, na medida em que suscita demandas por políticas específicas, incluindo o "cumprimento de direitos humanitários"⁸. O acordo que pôs fim à guerra civil em Serra Leoa em 1999, por exemplo, enfrentou oposição de muitos ativistas de direitos humanos, jornalistas e formadores de opinião que acreditavam que os rebeldes eram criminosos violentos e não revolucionários políticos, e que portanto era imoral conceder-lhes anistia e convidá-los a participar do novo governo⁹.

Três dimensões

Em muitas abordagens as guerras civis antigas e novas são diferenciadas conforme três dimensões inter-relacionadas, que podem ser resumidas da seguinte forma: *i*) as antigas tinham motivações políticas e eram travadas em torno de causas coletivamente articuladas, abrangentes e até mesmo nobres (em geral referidas a algo como "justiça"), enquanto as novas guerras civis são criminosas e motivadas pelo mero ganho privado (cobiça e pilhagem); *ii*) pelo menos um dos lados das antigas guerras civis desfrutava de apoio popular, enquanto os agentes políticos das novas guerras civis carecem de qualquer base popular; *iii*) nos antigos conflitos os atos de violência eram controlados e disciplinados, especialmente quando cometidos por rebeldes, ao passo que nos posteriores uma violência gratuita e sem sentido é perpetrada por milícias indisciplinadas, exércitos privados e senhores-da-guerra independentes, para quem a vitória pode nem mesmo representar um dos objetivos da guerra¹⁰.

Causas e motivações coletivas versus privadas

Levando em conta a amplitude das causas de guerras civis e as motivações individuais de seus combatentes, muitos estudiosos assumem implicitamente que as antigas guerras civis eram motivadas por ideologias de mudança social abrangentes, bem-definidas, claramente articuladas e universalistas¹¹, enquanto as novas tendem a se mover por preocupações que freqüentemente envolvem pouco mais que o mero ganho privado. Trabalhos recentes de economistas se baseiam numa distinção dicotômica

entre descontentamento e cobiça: os rebeldes seriam ou bandidos motivados pela cobiça privada ou agentes políticos que buscam tirar proveito de descontentamentos populares¹². O secretário-geral da ONU Kofi Annan apontou recentemente que

*a disputa por diamantes, drogas [...] e outros bens valiosos orienta várias das guerras civis de hoje. Em alguns países a capacidade do Estado de extrair recursos da sociedade e de alocar benefícios constitui o prêmio a ser disputado*¹³.

A metáfora da criminalidade assume muitas formas. Enzensberger afirma que as facções rivais envolvidas nas novas guerras civis são "gangues guerreiras", e Kaplan descreve as guerras civis na África como ações criminosas levadas a cabo por bandidos e soldados desengajados, por adolescentes vândalos e crianças-soldados sob o efeito de drogas¹⁴. Alguns chegam mesmo a argumentar que as novas guerras civis carecem inteiramente de propósito, como Enzensberger: "O que confere às atuais guerras civis um formato novo e terrível é o fato de que são travadas sem metas de cada lado, são guerras *em torno de coisa alguma*". Nelas, além disso, a "violência se livrou da ideologia": os combatentes demonstram uma incapacidade inata para pensar e agir em termos de passado e futuro e "já não há qualquer necessidade de legitimar suas ações"¹⁵.

Tais argumentos, no entanto, se baseiam geralmente em dados parciais ou enviesados, derivados de relatos jornalísticos que tendem a citar acriticamente cidadãos urbanos e membros de organizações pró-governamentais. Pesquisadores de campo afirmaram que essas perspectivas dão "insuficiente atenção às demandas dos próprios insurgentes quanto ao propósito de seus movimentos", subscrivendo, ao contrário, "uma visão compartilhada por elites urbanas e círculos diplomáticos"¹⁶. Gourevitch assinala que "ao negar a particularidade dos povos que estão fazendo história, bem como a possibilidade de que tenham história", tais argumentos "confundem [a própria] incapacidade de reconhecer o que está em jogo nos eventos com a natureza desses eventos"¹⁷.

De modo geral, o conceito de pilhagem é analiticamente problemático, porque nunca fica claro se se refere às causas da guerra ou às motivações dos combatentes (ou a ambas). O primeiro problema é o sentido da causalidade: pessoas travam guerras para pilhar ou pilham para se habilitar às guerras? Se este último é o caso, a pilhagem pode não ser muito diferente da prática amplamente aceita da "tributação revolucionária". Em segundo lugar, nem sempre é claro quem pratica a pilhagem: elites, milícias autônomas, camponeses armados? Em terceiro lugar, os vínculos entre pilhagem e descontentamento são complexos e fluidos¹⁸. Os confrontos ocorridos em Los Angeles em 1992, por exemplo, podem ser reduzidos a um fenômeno de "pilhagem", mesmo que, entre tantas outras coisas, muitos saques

Serra Leoa, por razões precisamente opostas. Assim, o *Le Monde* (04/12/1999) subscreviu o apoio à participação no novo governo de um ex-comandante do IRA suspeito de assassinatos, uma vez que sem ele "não haveria acordo de paz". O acordo em Serra Leoa foi também condenado por razões pragmáticas: "... do ponto de vista dos rebeldes, por que ter paz se a ausência de lei e ordem lhes favorece a pilhagem? Os rebeldes na verdade jamais tiveram qualquer intenção de honrar o acordo de paz; estavam unicamente interessados em travar a guerra e pilhar o país" (Reno, William. "When peace is worse than war". *New York Times*, 11/05/2000).

(10) Alguns estudiosos combinam algumas dessas dimensões em uma única, enquanto outros enfatizam algumas dimensões em detrimento de outras. Kaldor (op. cit.) parece comparar novas guerras civis com antigas guerras convencionais, e Keen (op. cit.) argumenta que a pilhagem gera uma violência "racional", mais que gratuita. A ideia de que novas guerras civis são motivadas por pilhagem é às vezes sustentada por contraste com uma pretensa motivação étnica (Annan, Kofi. "Facing the humanitarian challenge: towards a culture of prevention". Nova York: UNDP, 1999), e outras vezes motivações étnicas e pilhagem aparecem combinadas (Mueller, John. "The banality of 'ethnic war'". *International Security*, vol. 25, nº 1, 2000).

(11) Kaldor, op. cit., p. 6.

(12) Collier ("Economic causes of civil conflict...", loc. cit.); Collier e Hoeffler ("Greed and grievance...", loc. cit.). Esses autores produzem uma variedade de modelos mistos segundo os quais as revoltas se iniciam como um descontentamento coletivo e são mantidas pela cobiça, mas todos os modelos pressupõem essa distinção dicotômica. Segundo um comunicado de imprensa do Banco Mundial ("Greed for diamonds and other 'lootable' commodities fuels civil wars". *News Release* nº 2000/419/S, 15/06/2000), estudo realizado no âmbito da organização "sugere que guerras civis são movidas muito mais frequentemente pela competição de grupos rebeldes com governos nacionais pelo controle de diamantes, café e outros bens primários valiosos do que por conta de diferenças políticas, étnicas ou religiosas. [...] 'Guerras civis são muito mais provavelmente causadas por oportunidades econômicas que por descontentamento, de modo que certos grupos rebeldes se benefi-

ciam do conflito e têm um forte interesse em deflagrá-lo e mantê-lo", diz Collier [autor do estudo].

(13) Annan, op. cit.

(14) Enzensberger, op. cit., p. 22; Kaplan, op. cit.

(15) Enzensberger, op. cit., pp. 30, 29, 20-21 (grifo no original).

(16) Richards, Paul. *Fighting for the rain forest: war, youth, and resources in Sierra Leone*. Oxford: James Currey, 1996, p. xvii. O antropólogo Christian Gheffray (*La cause des armes au Mozambique: anthropologie d'une guerre civile*. Paris: Karthala: 1990, p. 19) critica "jornalistas incapazes de fazer investigação de campo" e a imprensa internacional que reproduz "dados e análises" que refletem as posições de "elites urbanas, de intelectuais nacionais e de estrangeiros".

(17) Gourevitch, Philip. *We wish to inform you that tomorrow we will be killed with our families: stories from Rwanda*. Nova York: Farrar, Straus, and Giroux, 1998, p. 182.

(18) Como o reconhecem os próprios Collier e Hoeffler ("Greed and grivance...", loc. cit.).

(19) Richards, op. cit.; Romero, Mauricio. "Changing identities and contested settings: regional elites and the paramilitaries in Colômbia". *International Journal of Politics, Culture and Society*, vol. 14, nº 1, 2000; Duynvesteyn, Isabelle. "Contemporary war: ethnic conflict, resource conflict or something else?". *Civil Wars*, vol. 3, nº 1, 2000; Besteman, Catherine. "Violent politics and the politics of violence: the dissolution of the Somali nation-state". *American Ethnologist*, vol. 23, nº 3, 1996.

(20) E. S. Grant, apud Ellis, Stephen. *The mask of anarchy: the destruction of Liberia and the religious dimension of an African civil war*. Nova York: New York University Press, 1999, p. 127.

(21) Peters, Krijn e Richards, Paul. "Why we fight: voices of youth combatants in Sierra Leone". *Africa*, vol. 68, nº 2, 1998.

(22) Young, Tom. "A victim of modernity? Explaining the war in Mozambique". In: Rich, Paul B. e Stubbs, Richard (orgs.). *The counter-insurgent state: guerrilla warfare and state-building in the twentieth century*. Nova York: St. Martin's Press, 1997, pp. 136-137; Weigert, Stephen L. *Religion and*

tenham acontecido? Finalmente, há sérios problemas empíricos. O significado de indicadores empíricos correspondentes a recursos "pilháveis" levanta questões importantes de validade interna, além de dificultar a abordagem de problemas de causalidade. Afirmar sumariamente que a guerra civil em Serra Leoa se dá sobretudo em torno dos diamantes parece ser uma brutal simplificação, e as guerras civis na Colômbia, na Somália e no Sudão são ainda menos passíveis de uma tal simplificação¹⁹.

Pesquisadores que realizaram estudos sobre as novas guerras civis mediante extensivos trabalhos de campo em zonas de guerra — em contraponto às entrevistas com vítimas e funcionários do governo — apresentam relatos bastante matizados, que não corroboram a dicotomia "descontentamento/pilhagem". Eles revelam que as motivações dos revoltosos são diversificadas e incluem preocupações que vão além do mero banditismo. Um psicólogo que tratou centenas de combatentes na guerra civil liberiana delineou o seguinte perfil:

*Trata-se de alguém entre 16 e 35 anos de idade que pode ter decidido tornar-se um combatente por diversas razões: obter comida para a sobrevivência, impedir que matassem sua família e amigos, evitar ser morto, por puro senso de aventura etc.*²⁰.

Peters e Richards demonstraram que muitos membros da base dos movimentos rebeldes de Serra Leoa, estigmatizados como desprovidos de qualquer tipo de ideologia, pareciam na verdade possuir uma compreensão política sofisticada a respeito de seu próprio envolvimento²¹.

As motivações ideológicas dos rebeldes africanos não são sempre visíveis para observadores que buscam padrões "ocidentais" de lealdade e discurso. Estes pressupõem erroneamente que organizações que lançam mão de retórica religiosa e de práticas culturais locais para mobilizar as pessoas — em vez de apelos universalistas prontamente reconhecíveis — carecem de qualquer ideologia²². O recurso a processos tradicionais de iniciação, por exemplo, é crucial para organizações rebeldes africanas²³. Em seu estudo sobre Moçambique, Chingono argumenta enfaticamente que a Renamo, "ao ressuscitar e defender visões do mundo campesinas que haviam sido suprimidas pela Frelimo [...], articulava ideologias campesinas"²⁴.

Uma fonte útil para a compreensão dos líderes rebeldes modernos, amiúde mencionados pejorativamente como senhores-da-guerra²⁵, é a literatura histórica sobre o fenômeno do senhores-da-guerra (em especial na China), que atesta que o seu traço central é o comando, e não a pilhagem: senhores-da-guerra jamais são meros bandidos; são senhores de uma determinada área em virtude de sua capacidade de conduzir a guerra²⁶. Enquanto bandidos — na China ou alhures — precisam se dispersar a cada ataque para que possam sobreviver, senhores-da-guerra cobram tributos, administram a

justiça, mantêm algum tipo de ordem e normalmente assumem os ônus do governo nas áreas que controlam²⁷. Erguem Estados, enfim — fenômeno que já havia sido observado por Santo Agostinho²⁸.

Organizações rebeldes na África, tomadas frequentemente como meros bandos criminosos, costumam desenvolver um complexo aparato de regras nas áreas que dominam, o que é menos visível que a ordem implementada por rebeldes "movidos pela justiça", mas não muito diverso²⁹. Também estabelecem transações econômicas organizadas, sistemáticas e sofisticadas com empresas estrangeiras, que lhes comprem matérias-primas e vendem armas³⁰, uma atividade incompatível com a extrema fragmentação que lhes é imputada por muitas visões.

A típica figura dos agentes "movidos pela ideologia" das antigas guerras civis também é com frequência distorcida. Tais agentes também se envolviam em atividades criminosas e em pilhagem em grande escala, bem como exerciam ostensiva coação sobre as populações cujos descontentamentos alegavam representar. Com efeito, a pilhagem é elemento recorrente de guerras civis, incluindo as mais ideológicas, tais como as revoluções Russa e Chinesa, e de revoltas anticoloniais, como a da Indonésia nos anos 1940³¹. Até mesmo Lênin estabeleceu acordos com "elementos criminosos" durante a guerra civil russa. O comportamento do Exército Vermelho em Kharkov e Kiev em 1919, conforme registros soviéticos, levou o historiador Vladimir Brovkin a afirmar que "os chefes bolcheviques, para dizer com clareza, eram ladrões e estupradores"³².

A "tributação" é uma atividade crucial em todas as guerras civis, e seus encarregados não se acanham em degenerá-la abertamente em pilhagem. Durante a Guerra do Vietnã era possível encontrar entre os milicianos sul-vietnamitas ex-criminosos "que preferiam lutar a permanecer na prisão", enquanto mandatários norte-americanos frequentemente permitiam aos membros das Unidades Provinciais de Reconhecimento patrocinadas pela CIA que "ficassem com o dinheiro confiscado durante suas operações"³³. Os membros dos exércitos revolucionários franceses — agentes ideológico-políticos paradigmáticos — eram descritos por seus contemporâneos como "estradeiros", "andarilhos", "assaltantes", "vagabundos" e "vândalos depravados e sanguinários", e tampouco os contra-revolucionários deixavam de recorrer ao banditismo³⁴.

A importância das motivações ideológicas nas antigas guerras civis tem sido bastante superestimada. De saída, há uma clara tendenciosidade epistêmica em favor da premissa de que as antigas guerras civis (assim como a maioria dos indivíduos que delas tomavam parte) eram motivadas por elevadas preocupações ideológicas. Como os intelectuais tendem a se mover sobretudo por ideologias, tendem também a encarecer as motivações ideológicas tanto dos combatentes quanto dos civis³⁵. Ademais, quando não constituem "disfarces" grosseiros para demandas étnicas ou locais, apelos ideológicos universalistas são propagados por meio de retóricas culturais tradicionais não raro semelhantes àquelas utilizadas pelos movimentos envolvidos nas novas guerras civis. Lan, por exemplo, demonstrou

guerrilla warfare in modern Africa. Nova York: St. Martin's Press, 1996; Ellis, op. cit.; Henriksen, Thomas H. *Revolution and counterrevolution: Mozambique's war of independence, 1964-74*. Westport: Greenwood Press, 1983, p. 76.

(23) Richards, op. cit., p. xix.

(24) Chingono, Mark F. *The state, violence, and development: the political economy of war in Mozambique, 1975-92*. Aldershot: Avebury, 1996, p. 55.

(25) Cf., por exemplo, Reno, op. cit.

(26) Sheridan, James E. *Chinese warlord: the career of Feng Yü-hsiang*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p. 1.

(27) Ibidem, p. 19.

(28) "Se pela adesão de homens desesperados esse mal [banditismo] cresce a proporções tais a ponto de se tomar terras, estabelecer assentamentos fixos, encampar territórios e subjugar povos, assume o nome de reino" (Santo Agostinho, *The city of God*. Londres/Nova York: J.M. Dent/E.P. Dutton, 1931).

(29) Ellis, Stephen. "Liberia 1989-94: a study of ethnic and spiritual violence". *African Affairs*, vol. 94, n° 375, 1995; Duffield, op. cit.; Geffray, op. cit.

(30) Reno, William. *Warlord politics and African states*. Boulder: Lynne Rienner, 1998.

(31) Li, Lincoln. *The Japanese army in North China, 1937-41: problems of political and economic control*. Tóquio: Oxford University Press, 1975, p. 229; Wou, Odoric. *Mobilizing the masses: building revolution in Henan*. Stanford: Stanford University Press, 1994, p. 154; Figes, Orlando. *A people's tragedy: the Russian Revolution, 1891-1924*. Nova York: Penguin, 1997, pp. 666-667; Cribb, Robert. *Gangsters and revolutionaries: the Jakarta people's militia and the Indonesian revolution, 1945-49*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1991, p. 54.

(32) Brovkin, Vladimir N. *Political parties and social movements in Russia, 1918-22*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 121.

(33) Moyar, Mark. *Phoenix and the birds of prey: the CIA's secret campaign to destroy the Viet Cong*. Annapolis: Naval Institute Press, 1997, p. 168.

(34) Cobb, Richard. *The people's armies*. New Haven: Yale University Press, 1987, p. 5; Tilly, Charles. *The Vendée*.

Cambridge: Harvard University Press, 1964, p. 6.

(35) "A figura do intelectual com seus inquietos anseios espirituais atraiu atenções completamente desproporcionais à sua importância política, em parte porque tais anseios deixam atrás de si registros escritos, e também porque aqueles que escrevem a história são eles mesmos intelectuais" (Moorc, Barrington. *Social origins of dictatorship and democracy: lord and peasant in the making of the modern world*. Boston: Beacon Press, 1966, p. 480).

(36) Lan, David. *Guns and rain: guerrillas and spirit mediums in Zimbabwe*. Londres: James Currey, 1985. Para o caso de Moçambique, cf. Henriksen, op. cit., p. 76.

(37) Jankowski, Paul. *Communism and collaboration: Simon Sabiani and politics in Marseille, 1919-44*. New Haven: Yale University Press, 1989, pp. ix, xii.

(38) Dallin, Alexander, Mavrogordato, Ralph e Moll, Wilhelm. "Partisan psychological warfare and popular attitudes". In: Armstrong, John A. (org.). *Soviet partisans in World War II*. Madison: University of Wisconsin Press, 1964, p. 336.

(39) Swedenburg, Ted. *Memoirs of revolt: the 1936-39 rebellion and the Palestinian national past*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995, pp. 169-170.

(40) McKenna, Thomas M. *Muslim rulers and rebels: everyday politics and armed separatism in the Southern Philippines*. Berkeley: University of California Press, 1998, pp. 194-195.

(41) Grossman, Dave. *On killing: the psychological cost of learning to kill in war and society*. Boston: Little, Brown, and Co., 1995, pp. 89-90; Laqueur, Walter. *Guerrilla warfare: a historical and critical study*. New Brunswick: Transaction, 1998, p. 272. Obviamente, isso não decide a questão sobre como e por que emerge uma organização capaz de prover treinamento e liderança.

(42) Stark, Rodney. *The rise of Christianity: how the obscure, marginal Jesus movement became the dominant religious force in the Western world in a few centuries*. Nova York: Harper Collins, 1997, pp. 14-17.

como os rebeldes "progressistas" que combateram o regime racista do Zimbábue fizeram uso da religião tradicional (e de seus praticantes) para mobilizar os camponeses³⁶. Por fim, é um erro crasso inferir as motivações dos membros da base de um movimento a partir das mensagens ideológicas articuladas por seus líderes³⁷.

Estudos de micro-história demonstram consistentemente o quão superficial foi a assimilação de apelos ideológicos ao longo de uma série de guerras civis. Um achado comum de numerosos estudos sobre as antigas guerras civis é que, no nível das massas, as questões locais tenderam a obliterar as ideológicas. Dallin, Mavrogordato e Moll apontam que na União Soviética ocupada pela Alemanha a decisão de um indivíduo de apoiar os alemães ou os *partisans* não era determinada por "considerações abstratas ou avaliações dos méritos e deméritos de qualquer dos regimes, nem mesmo por simpatias e antipatias ou experiências vividas sob o regime soviético antes da ocupação"³⁸. A sutil análise de Swedenburg sobre a colaboração palestina com os britânicos durante a rebelião palestina de 1936-39 destaca o mesmo ponto³⁹. De igual modo, o enfoque de McKenna sobre as "narrativas não-autorizadas" dos rebeldes muçulmanos e seus adeptos nas Filipinas revelou "que as percepções e representações da guerra de muçulmanos comuns eram notadamente independentes das influências ideológicas de quaisquer líderes separatistas ou [...] de qualquer grupo de elite"⁴⁰.

A observação do desempenho dos insurgentes em combate frequentemente levou à inferência errônea de que os rebeldes são altamente dedicados a uma causa ideológica. Entretanto, numerosos estudos concluíram que homens em combate são usualmente motivados por pressões e processos de grupo, que podem envolver consideração pelos companheiros, respeito pelos líderes, preocupação com a sua reputação junto a ambos e desejo de contribuir para o sucesso do grupo⁴¹. Com relação à conversão religiosa — uma "escolha" ainda menos suscetível a questões ideológicas que aquela do engajamento político —, pesquisas sociológicas recentes demonstram que o apelo doutrinário não está no seu fulcro: na maior parte dos casos as pessoas realmente não se prendem muito às doutrinas de sua nova fé até que se convertam⁴². Usualmente, processos de adesão se enraízam em redes dinâmicas. Vários autores argumentam que as redes de laços sociais (especialmente os de amizade e afinidade) representam os mais fortes estímulos para a adesão a um movimento, como destacou Hart com respeito à revolução e à guerra civil irlandesas:

Os vínculos mais importantes a unir os Voluntários eram aqueles de família e vizinhança. De fato, as brigadas do IRA foram muito frequentemente fundadas sobre tais redes [...]. Doze dos treze veteranos que entrevistei haviam lutado ao lado dos republicanos. Nenhum deles conseguia lembrar de ter feito uma escolha específica nesse sentido [...]. A julgar pelas reminiscências dos veteranos [...], o próprio Tratado e a

*ideologia republicana raramente eram discutidos em suas fileiras: "A política às vezes vinha em segundo lugar". Muitos assentavam suas decisões nos mesmos termos coletivos que usavam para descrever sua adesão à organização*⁴³.

Em suma, o acesso fácil a categorias conceituais coerentes ao longo do habitual eixo esquerda-direita ofuscou observadores casuais para a complexidade e a atipicidade das guerras civis e redundou numa considerável superestimação do conteúdo ideológico das antigas guerras civis, por via de inferências que partiam do âmbito das elites em direção ao das massas. Nesse aspecto, o fim da Guerra Fria parece ter ocasionado mais o abandono das categorias conceituais antes utilizadas para interpretar guerras civis do que um declínio das motivações ideológicas desses conflitos no nível das massas. Ironicamente, pesquisas detalhadas a respeito daquelas guerras, realizadas anos depois, tendem a ser ignoradas pelos analistas das guerras civis contemporâneas, que continuam a se basear nos retratos imperfeitos produzidos quando as antigas guerras civis estavam em pleno curso.

Apoio popular versus ausência de apoio

Uma vez suposto que as antigas guerras civis se nutriam de descontentamentos populares, presumiu-se que se baseavam num considerável apoio popular — ao menos para os rebeldes. Em contraste, as novas guerras civis parecem ser travadas por agentes políticos que não gozam de qualquer sorte de apoio popular. De acordo com Kaldor,

*enquanto a guerra de guerrilha — ao menos em teoria, conforme Mao Tse-tung ou Che Guevara — pretendia capturar "corações e mentes", as novas ações de guerra são tributárias de técnicas de contra-insurgência e desestabilização destinadas a semear "pavor e ódio"*⁴⁴.

Analogamente, Nordstrom descreve a Renamo como "um movimento rebelde particularmente letal e que virtualmente não dispõe de qualquer ideologia ou apoio popular", constituído com base no interesse de potências estrangeiras em desestabilizar Moçambique e responsável por "mais de 90% de todas as atrocidades cometidas [na guerra civil]", enquanto Pécaut argumenta que a guerra na Colômbia não constitui uma guerra civil porque a população não apoia nenhum dos lados⁴⁵.

Tais declarações são freqüentemente baseadas em informação parcial ou enviesada. O relato de Nordstrom, por exemplo, apóia-se exclusivamente em entrevistas com refugiados em áreas "recentemente libertadas do

(43) Hart, Peter. *The I.R.A. and its enemies: violence and community in Cork, 1916-23*. Nova York: Clarendon Press, 1999, pp. 209, 264. Cf. também Stark, op. cit.; Wickham-Crowley, Timothy. *Exploring revolution: essays on Latin American insurgency and revolutionary theory*. Nova York: M.E. Sharpe, 1991, p. 152; Petersen, Roger. *Resistance and rebellion: lessons from Eastern Europe*. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

(44) Kaldor, op. cit, p. 8.

(45) Nordstrom, Carolyn. "The backyard front". In: Nordstrom, Carolyn e Martin, JoAnn (orgs.). *The paths to domination, resistance, and terror*. Berkeley: University of California Press, 1992, pp. 271-272; Pécaut, Daniel. "En Colombie, une guerre contre la société". *Le Monde*. 10/10/1999. Declarações semelhantes são comumente feitas com relação a Serra Leoa (cf., por exemplo, Reno, op. cit.).

controle da Renamo por forças do governo" e em informações fornecidas por organizações pró-governamentais (tais como a Organização das Mulheres Moçambicanas), refletindo a visão do governo sobre os rebeldes. Ela afirma que em Moçambique a Renamo "é geralmente referida como um grupo de *bandidos armados*", ignorando que em qualquer guerra civil as autoridades usam tais termos para designar os insurgentes⁴⁶. Estudos recentes, baseados em evidências que seriam difíceis (se não impossíveis) de coletar enquanto a guerra civil estava em curso, indicam que a Renamo desfrutava de um considerável grau de apoio popular, mais presente em áreas rurais controladas pela Renamo — aonde pesquisadores e jornalistas raramente iam — do que nas cidades sob controle do governo⁴⁷.

Por outro lado, a percepção de que nas antigas guerras civis as revoltas eram sustentadas por um amplo apoio popular tem sido repetidamente posta em questão. A visão de que muitas das revoltas esquerdistas na América Latina e alhures se baseavam em ampla e consensual participação popular foi questionada por cuidadosas pesquisas microorientadas, assim como se revelou que o Vietcongue recorreu amplamente a coação contra a população civil⁴⁸. Ao contrário do que argumenta Kaldor, desalojamentos populacionais em massa não são fenômenos novos, como se depreende de guerras civis clássicas como a russa, a espanhola e a chinesa⁴⁹.

Além disso, nas antigas guerras civis, assim como nas novas, lealdades individuais se constituíam menos por discursos impessoais do que por clivagens fluidas, cambiantes e sobretudo de base local. Diversos estudos descrevem processos entremeados, geralmente caracterizados por uma disjunção entre clivagens latentes e conflitos identitários violentos. A análise de Hart sobre o condado de Cork na Irlanda entre 1916 e 1923, por exemplo, constata um alto nível de variação nas atitudes micropolíticas, um "arranjo de lealdades locais freqüentemente conflitantes [que] transformava cada setor de Cork numa colcha-de-retalhos política"⁵⁰. Quando nacionalistas irlandeses desencadearam uma guerra civil, em 1923, a decisão sobre a que lado aderir foi "forjada, como sempre, por lealdades e rivalidades de grupo, e divisões sectárias vieram a se tornar linhas de combate políticas":

*Família e facção ditaram a trajetória de rachas no IRA por toda a Irlanda, de um modo altamente previsível. Uma vez mais, tão logo as antigas rixas foram reacesas, eram os Brennans contra os Barretts em Clare, os Hanniganitas contra Manahanitas em Limerick oriental e os Sweeneys contra os O'Donnells em Donegal*⁵¹.

Dinâmicas similares são observáveis em muitas das antigas guerras civis. No Vietnã, por exemplo, os habitantes do vilarejo de Binh Nghia adotavam uma "atitude tibia em relação ao Vietcongue", segundo West, porque o movimento comunista local havia se originado do outro lado do rio, nas aldeias Phu Long, com cujos habitantes tinham uma rixa hostil e

(46) Nordstrom, op. cit. Num relato subsequente a autora oferece um retrato mais matizado da situação em Moçambique (Nordstrom, Carolyn. "War on the front lines". In: Nordstrom, Carolyn e Robben, Antonius C. (orgs.). *Fieldwork under fire: contemporary studies of violence and survival*. Berkeley: University of California Press, 1995, p. 142).

(47) Young, op. cit.; Chingono, op. cit. Este último, ao passo que reconhece que "a Renamo não teria sobrevivido sem apoio externo", afirma que "uma ênfase exclusiva nos fatores externos distorce [...] a realidade e nega aos moçambicanos a sua própria história; eles são reduzidos a meras vítimas passivas de manipulações e maquinações de poderosas forças externas". Constatações semelhantes foram feitas com relação à Libéria e a Serra Leoa (Ellis, "Liberia 1989-94...", loc. cit.; Richards, op. cit.).

(48) Stoll, David. *Rigoberta Menchú and the story of all poor Guatemalans*. Boulder: Westview, 1999; Degregori, Carlos Ivan. "Harvesting storms: peasant *rondas* and the defeat of Sendero Luminoso in Ayacucho". In: Stern, Steven J. (org.). *Shining and other paths: war and society in Peru, 1980-95*. Durham/Londres: Duke University Press, 1998; Pike, Douglas. *Viet Cong: the organization and techniques of the national liberation front of South Vietnam*. Cambridge: MIT Press, 1966. O mesmo vale para as guerras anticoloniais na África (Kriger, Norma. *Zimbabwe's guerrilla war: peasant voices*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992).

(49) Kaldor, op. cit., p. 8.

(50) Hart, op. cit., p. 220.

(51) Ibidem, pp. 265-666.

ancestral em torno de direitos de pesca⁵². Conforme a descrição de Manrique, no vale de Canipaco, no Peru central, a população desfrutava de uma "espécie de lua-de-mel" com o Sendero Luminoso, que terminou quando eclodiu uma disputa entre duas comunidades em torno da distribuição de terras confiscadas às *haciendas*⁵³.

Como o significado das revoltas geralmente é articulado pelas elites na linguagem das clivagens nacionais, muitos observadores as codificam como capazes de mobilizar apoio popular em torno dessas clivagens. Pesquisadores de campo, no entanto, discordam. Em sua análise sobre a Revolução Cultural em uma aldeia chinesa, Hinton relata que duas facções hostis recorriam à linguagem da luta de classes, cada qual reivindicando que a outra representava os latifundiários e elementos contra-revolucionários. Hinton descobriu porém que o conflito se polarizava em torno de clãs rivais: a família Lu, que dominava a porção setentrional da aldeia, e a família Shen, que predominava ao sul⁵⁴. Marks refere descoberta similar, feita pelo autor de um relato sobre o levante de 1927 em Haifeng, no sul da China, uma região polarizada por alianças aldeãs rivais surgidas a partir de disputas sucessórias e conhecidas como Bandeira Vermelha e Bandeira Negra:

*Quando o Exército Vermelho chegou sacudindo bandeiras vermelhas, as tropas foram saudadas tanto pelos terratenentes quanto pelos camponeses das aldeias da Bandeira Vermelha, que pensaram tratar-se de aliados na sua luta contra o inimigo comum, as aldeias da Bandeira Negra*⁵⁵.

Assim é que clivagens regionais ou locais as mais diversas (sobrepostas ou não), sejam socioeconômicas, sectárias, tribais, de linhagem, de clã, geracionais ou de gênero, combinam-se para produzir clivagens agregadas que são enganosamente uniformes: camponeses abastados podem apoiar um grupo político em uma região e seu rival numa região adjacente⁵⁶; mercadores ricos podem ser visados por membros pobres da ala direitista de um esquadrão da morte em meio a um conflito co-orientado por polaridades de classe⁵⁷. Como mostram vários dos trabalhos aqui citados, relações e laços verticais (patrão-cliente, comunidades, vizinhanças, freguesias, paróquias, corporações, facções, clãs ou famílias) tendem a sobrepujar clivagens horizontais; interesses de grupo são geralmente "localistas" e "regionalistas"; motivações individuais não são necessariamente orientadas por descontentamentos relacionados a clivagens impessoais, mas sobretudo por conflitos locais e pessoais e até mesmo por criminalidade ordinária. Como observou Tilly a respeito da Vendéia:

Os dados mais microscópicos que temos a respeito da política comunal 110 sul de Anjou resistem à tentativa de classificá-los isoladamente em

(52) "Era natural que os Phu Long adquirissem poder econômico e político quando o Vietcongue ascendesse ao poder, e isso ocorreu em prejuízo direto dos pescadores de Binh Nghia. Assim, quando mais tarde o Vietcongue atravessou o rio para disseminar sua doutrina, havia muitos em Binh Nghia que se ressentiam deles e de qualquer causa que representassem" (West Jr., Francis J. *The Village*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985, pp. 146-147).

(53) "A participação de quadros armados do Sendero Luminoso ao lado de uma das comunidades num confronto aberto contra uma confederação de comunidades rivais provocou uma ruptura com estas, que decidiram entregar às autoridades [...] dois quadros senderistas que haviam capturado. Essa ação provocou represálias por parte do Sendero Luminoso, que culminaram na execução de treze líderes camponeses. As vítimas foram seqüestradas de suas comunidades e assassinadas [em praça pública]" Manrique, Nelson. "The war for the Central Sierra". In: Stern (org.), op. cit., pp. 204-205.

(54) Hinton, William. *Shenfan: the continuing revolution in a Chinese village*. New York: Vintage, 1984, p. 527.

(55) Marks, Robert. *Rural revolution in South China: peasants and the making of history in Haifeng County, 1570-1930*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984, p. 263.

(56) Close, David H. "Introduction". In: idem (org.). *The Greek civil war, 1943-50: studies in polarization*. Londres/Nova York: Routledge, 1993; Geffray, op. cit.

(57) Paul, Benjamin D. e Demarest, William J. "The operation of a death squad in San Pedro de la Laguna". In: Carmack, Robert M. (org.). *Harvest of violence: the Maya Indians and the Guatemalan crisis*. Norman: University of Oklahoma Press, 1988, pp. 128, 150.

*categorias de classe e localidade, e nos demandam pressentimentos acerca de afinidades, amizades familiares, resíduos de antigas rivalidades etc.*⁵⁸.

(58) Tilly, op. cit., p. 191.

(59) Stoll, op. cit.; Richards, op. cit.; Hamoumou, Mohand. *Et ils sont devenus Harkis*. Paris; Fayard, 1993; Gross, Jan T. *Revolution from abroad: the Soviet conquest of Poland's Western Ukraine and Western Belorussia*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

(60) Berry, Mary Elizabeth. *The culture of civil war in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1994, p. xxi.

(61) Lucas, Colin. "Themes in Southern violence after 9 Thermidor". In: Lewis, Gwyne e Lucas, Colin (orgs.). *Beyond the terror: essays in French regional and social history, 1794-1875*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

(62) Harding, Susan F. *Re-making Ibbica: rural life in Aragon under Franco*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984, p. 59.

(63) Kaldor, op. cit., p. 93.

(64) Kalyvas, Stathis N. "Wanton and senseless? The logic of massacres in Algeria". *Rationality and Society*, vol. 11, nº 3, 1999.

(65) Perlez, Jean. "Kosovo clan's massacre stands as gruesome evidence of Serb revenge". *International Herald Tribune*. 16/11/1998.

O mesmo se aplica a sociedades agudamente polarizadas em termos de classe e etnicidade⁵⁹. As relações sociais e as conexões que constituíam identidades antes da guerra vêm a ser objeto de "constante reformulação"⁶⁰. As guerras civis provêm, em diversos sentidos, uma mediação para uma pluralidade de descontentamentos a serem consumados no interior do conflito mais abrangente e por meio do recurso à violência. Como argumenta Lucas com respeito à Revolução Francesa, "a luta revolucionária proporcionou uma linguagem para outros conflitos de natureza social, comunal ou pessoal"⁶¹.

Em suma, estudos microorientados sobre as antigas guerras civis nos propiciam uma visão como que rente ao chão, revelando as guerras civis mais como "mixórdias de contendidas complexas"⁶² do que como simples conflitos binários entre organizações que cristalizam apoio popular e descontentamento coletivo a partir de clivagens bem-definidas. Nas antigas guerras civis o apoio popular era forjado, conquistado e perdido ao longo do conflito, quase sempre por meios coercitivos e violentos e com base em laços de afinidade e proximidade, jamais chegando a constituir um apoio consensual, imutável, fixo e eminentemente ideológico. Nesse aspecto, as guerras civis antigas não são tão diferentes das novas quanto parecem ser.

Violência controlada versus violência gratuita

A violência das novas guerras civis é recorrentemente descrita como aterrorizante e sem sentido, perpetrada por milícias e paramilitares arregimentados, mercenários e senhores-da-guerra independentes, para os quais vencer a guerra pode até nem ser um objetivo⁶³. Organizações de direitos humanos e a imprensa descreveram os escabrosos massacres que ocorreram na Argélia em 1997 como episódios "insensatos", "injustificáveis" e "incompreensíveis" de uma "carnificina fortuita"⁶⁴. Tais descrições normalmente são feitas num matiz culturalista. Nos últimos dias de setembro de 1998, quando soldados sérvios massacraram 21 mulheres, crianças e idosos nas proximidades da aldeia de Gornje Obrinje, em Kosovo, um detalhado relato jornalístico concluiu sobre o episódio que "a prática de vingança violenta é uma tradição de longa data nos Bálcãs"⁶⁵.

Essas descrições são geralmente complementadas com argumentos que buscam explicar atos de violência por meio da mera designação de seus efeitos. Um psicólogo que tratou das vítimas de mutilação da Frente Revolucionária Unida em Serra Leoa declarou que "o objetivo dos rebeldes era

destituí-las de seus papéis como homens, pais e maridos"⁶⁶. Nordstrom afirma que "a Renamo, com suas táticas de excisão de narizes, lábios e orelhas de civis, parece resgatar o sentido original do absurdo", enquanto Enzensberger assinala "a natureza autista dos perpetradores de atrocidades e sua incapacidade de distinguir destruição de autodestruição"⁶⁷.

Essa violência sem sentido não era tão freqüente nas antigas guerras civis, se acreditarmos em Enzensberger quando argumenta que nas guerras civis norte-americana, russa e espanhola

*havia exércitos e frentes regulares, e as estruturas centrais de comando procuravam realizar seus objetivos estratégicos de forma planejada, mediante um controle estrito de suas tropas. Via de regra, havia liderança política assim como militar, seguindo objetivos claramente definidos, pronta e apta a negociar quando necessário*⁶⁸.

Mas um breve escrutínio das evidências referentes às antigas guerras civis revela imagem bastante diversa.

A percepção de que guerras civis são especialmente cruéis antecede em muito as novas guerras civis: trata-se de um dos diagnósticos mais duradouros e consistentes sobre o tema, enfatizado tanto por observadores quanto por participantes pelo menos desde o retrato de Tucídides sobre a guerra do Peloponeso⁶⁹. Madame de Staël observava em plena Revolução Francesa que "todas as guerras civis são mais ou menos semelhantes no que diz respeito à atrocidade, ao tormento em que lançam os homens e à proeminência que concedem às paixões violentas e tirânicas"⁷⁰. As descrições de extrema violência são abundantes no caso de guerras civis como a russa ou a espanhola, e também têm na América Latina um cenário particularmente privilegiado⁷¹.

A prática de utilizar milícias locais semi-independentes é disseminada entre muitos dos agentes "ideologicamente" orientados⁷². De forma similar, a abdução de crianças com o intuito de transformá-las em combatentes pode ser associada com as novas guerras civis na África, mas foi constantemente praticada em muitas revoltas "ideologicamente motivadas", tais como a insurgência afegã que se seguiu à invasão soviética e a do Sendeiro Luminoso no Peru⁷³. Muitas crianças se tornaram combatentes na Guatemala, em El Salvador e na Nicarágua, e durante a (extremamente "ideológica") Revolução Cultural chinesa os grupos mais violentos eram compostos por jovens Guardas Vermelhos, cujas idades variavam entre 8 e 15 anos⁷⁴.

Passando às novas guerras civis, é importante começar por destacar que nossa compreensão da violência é culturalmente definida⁷⁵. Matanças a faca e machete tendem a nos chocar mais que os incomparavelmente mais letais e massivos massacres realizados mediante bombardeios aéreos e por artilharia de campo. Como afirmou Crozier há quarenta anos:

(66) Onishi, Norimitsu. "Sierra Leone measures terror in severed limbs". *New York Times*, 22/08/1999.

(67) Nordstrom, "War on the front lines", loc. cit., p. 142; Enzensberger, op. cit., p. 15. Em casos assim, *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, é citado *ad nauseam* (cf., por exemplo, Ignatieff, op. cit., p. 5).

(68) Enzensberger, op. cit., p. 15.

(69) Frijda, Nico H. "The Lex Talionis: on vengeance". In: Van Goozen, Stephanie, Van de Poll, Nanne e Sergeant, Joseph (orgs.). *Emotions: essays on emotion theory*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994, p. 267. Na descrição de Tucídides (*History of the Peloponnesian War*. Nova York: Penguin Books, 1977, p. 241), "havia morte em todas as cores e formas. E, como normalmente acontece em tais situações, as pessoas chegavam a extremos e mesmo além deles". A literatura histórica é pródiga na manifestação de sentimentos que enfatizam a crueldade inerente e a natureza devastadora da guerra civil (Petitfrère, Claude. *La Vendée et les Vendéens*. Paris: Gallimard/Julliard, 1981, p. 50; Gunther, John. *Behind the curtain*. Nova York: Harper, 1949, p. 129).

(70) Madame de Staël. *Des circonstances actuelles qui peuvent terminer la révolution et des principes qui doivent fonder la republique en France*. Genebra: Librairie Droz, 1979 [1798], p. 10.

(71) Figes, op. cit.; Brovkin, op. cit.; De la Cueva, Julio. "Religious persecution, anticlerical tradition, and revolution: on atrocities against the clergy during the Spanish civil war". *Journal of Contemporary History*, vol. 33, n° 3, 1998; Kosenberg, Tina. *Children of Cain: violence and the violent in Latin America*. Nova York: Penguin, 1991, p. 7.

(72) Kalyvas, op. cit., pp. 265-277; Paul e Demarest, op. cit.; Degregori, op. cit.

(73) Borovik, Artyom. *The hidden war: a Russian journalist's account of the Soviet war in Afghanistan*. Londres: Faber & Faber, 1991, p. 25; Ponciano, Del Pino H. "Family, culture, and 'revolution': everyday life with Sendero Luminoso". In: Stern (org.), op. cit., p. 171.

(74) Cohn, Ilene e Goodwin-Gill, Guy S. *Child soldiers: the role of children in armed conflict*. Oxford: Clarendon Press, 1994; Armony, Ariel C. "The former Contras". In: Walker.

Thomas (org.). *Nicaragua without illusions*. Wilmington: Scholarly Resources, 1997, p. 207; White III, Lynn T. *Policies of chaos: the organizational causes of violence in China's Cultural Revolution*. Princeton: Princeton University Press, 1989, pp. 280-281.

(75) Zulaika, Joseba. *Basque violence: metaphor and sacrament*. Reno/Las Vegas: University of Nevada Press, 1988.

(76) Crozier, Brian. *The rebels: a study of postwar insurrections*. Boston: Beacon Press, 1960. p. 158.

(77) Kalyvas, op. cit.

(78) "Em razão dos contingentes envolvidos, a eliminação dos partidários [da Frelimo] não podia ser alcançada por meio da seleção de um grupo aleatório de funcionários locais ligados ao partido. Essa violência era menos ostensiva em áreas onde a influência e a presença da Frelimo haviam sido eliminadas e a Renamo estava relativamente bem-estabelecida. Na região de Gorongosa havia uma coexistência razoavelmente boa e cooperativa com a população local e pouco medo aparente. A presença da Renamo na Zambézia parece ter sido menos brutal e mais bem organizada em relação à sua primeira chegada à área" (Young, op. cit., pp. 132-133).

(79) Richards, op. cit., p. xx.

(80) "Essas atrocidades não fazem parte das técnicas tradicionais de guerra na África. Resultam de uma estratégia orquestrada para aterrorizar os civis, implementada por tropas treinadas nessas técnicas bárbaras. O padrão sistemático desses crimes, bem como a escala do terror, não corroboram opiniões de que os rebeldes estejam [...] fora de controle. Relatos de campo indicam que as movimentações dos rebeldes não poderiam ocorrer sem comunicação, controle e recursos externos. Crimes nessa escala são geralmente orquestrados" (Ronnino, Emma. "No court decision to deter the barbarity in Sierra Leone". *International Herald Tribune*, 08/07/1998).

*A violência do mais forte pode se exprimir por meio de poderosos explosivos ou bombas de napalm. Essas armas não têm efeitos menos arbitrários que os de uma granada de mão arremessada do alto de um edifício; na verdade, acabam fazendo mais vítimas inocentes. Mesmo assim, costumam despertar menos indignação moral nos lares ocidentais*⁷⁶.

Ademais, a violência "sem sentido" das novas guerras civis geralmente não é tão gratuita quanto parece. Os massacres na Argélia foram com frequência altamente seletivos e estratégicos⁷⁷, assim como a violência praticada pela Renamo, como apontou Young. Ele revelou que as suas mais extremas atrocidades faziam parte de um plano cuidadosamente elaborado — e em grande medida bem-sucedido — para galvanizar jovens guerrilheiros, na maioria das vezes conscritos à força, e que os atos de violência cometidos contra a população em geral se concentravam no sul de Moçambique, onde o governo da Frelimo tinha uma base sólida⁷⁸. O antropólogo Paul Richards oferece uma análise matizada da violência estrategicamente motivada dos rebeldes de Serra Leoa:

*Considere-se [...] uma série de incidentes em vilarejos [...] em setembro/outubro de 1995, em que os rebeldes deceparam as mãos de aldeões. Poderia haver exemplo mais patente de retrocesso à barbárie primitiva? [...] Mas por trás dessa selvageria reside, na verdade, uma série de simples cálculos estratégicos. O movimento insurgente se expande por meio da captura de jovens. Com a carência de comida, [...] alguns cativos, a despeito dos riscos, tentavam [...] retornar a seus vilarejos quando a colheita estava para começar ali. Como poderiam os rebeldes evitar tais defecções? Ora, impedindo a colheita. Quando as notícias das amputações praticadas pelos rebeldes se espalharam [...], poucas mulheres se aventuravam a sair para os campos. A colheita cessava. [...] Tendo decidido não tomar parte nas eleições de fevereiro de 1996, os rebeldes começaram a utilizar a mesma tática para dissuadir potenciais eleitores, cortando mãos que poderiam votar*⁷⁹.

De fato, a comissão européia para questões humanitárias descreveu as atrocidades cometidas em Serra Leoa como ações cuidadosamente planejadas e centralizadas, e não gratuitas e aleatórias⁸⁰.

Em suma, tanto a percepção de que a violência nas antigas guerras civis era limitada, disciplinada ou compreensível quanto a visão de que a violência nas novas guerras civis é sem sentido, gratuita e descontrolada não encontram suporte nas evidências disponíveis.

Conclusão

A leitura paralela da pesquisa emergente sobre novas guerras civis e da negligenciada pesquisa histórica sobre as guerras civis antigas sugere que a distinção entre elas deveria ser sensivelmente qualificada. É inegável que guerras civis diferem umas das outras em mais de um aspecto, mas as evidências disponíveis sugerem que as diferenças tendem a ser menos pronunciadas do que normalmente se considera e podem não se alinhar impecável e dicotomicamente em torno do fim da Guerra Fria. A cessação da Guerra Fria afetou potencialmente a maneira como as guerras civis são combatidas, se não sua frequência. É evidente que com o desaparecimento das fontes externas de legitimação e financiamento providas pelas superpotências rivais valorizam-se as fontes locais, mas ainda não se especificaram adequadamente os mecanismos que ligam financiamento e guerra — desde diásporas até recursos pilháveis — nem o modo como afetam os meios pelos quais as guerras civis são travadas.

Ao mesmo tempo, desconsidera-se com frequência que o término da Guerra Fria afetou decisivamente a maneira como as guerras civis são interpretadas e codificadas tanto por participantes como por observadores. Ao remover categorias políticas e dispositivos classificatórios coerentes, mesmo que equívocos, o fim da Guerra Fria suscitou uma exacerbação dos aspectos criminosos das guerras civis recentes e uma concomitante negligência de seus múltiplos aspectos políticos. Assim, as interpretações que enfatizam a despolitização e a criminalização dessas guerras podem ser tributadas mais à indisponibilidade das categorias conceituais engendradas pela Guerra Fria do que à sua cessação.

Não obstante, tal indisponibilidade é mais uma oportunidade que uma desvantagem, pois nos permite investigar o fulcro das guerras civis sem as limitações de perspectivas impostas externamente. Voltar a forjar categorias baseadas em eventos correntes seria um padrão de investigação que não produziria boa teoria. O estudo da violência é particularmente vulnerável em relação a isso. Como destaca Horowitz, esse estudo "tem-se caracterizado por considerável suscetibilidade à ocorrência de episódios violentos de classes diversas. A teoria vem se contorcendo e revolvendo em face dos eventos e da identidade cambiante dos seus protagonistas"⁸¹. Categorias equivocadas e pressuposições delas derivadas comprometem até os mais sofisticados exercícios de teorização.

Boas teorias demandam categorias conceituais válidas e indicadores empíricos confiáveis. Tais categorias somente podem ser produzidas mediante um processo paralelo de investigação analítica e empírica. Padrões de pilhagem, por exemplo, podem ter correlação, ou não, com níveis de centralização da guerra, de polarização étnica, de comprometimento ideológico ou níveis de violência. É preciso especificar cuidadosamente os mecanismos centrais, identificar os indicadores empíricos relevantes e coletar dados adequados e acurados.

(81) Horowitz, Donald. *The deadly ethnic riot*. Berkeley: University of California Press, 2001, p. 33.

A investigação sobre guerras civis deve ser fundada na observação sustentada, sistemática e prolongada ou na reconstrução etnográfica em grande escala, acompanhadas de pesquisa em arquivos. Esse procedimento é essencial na medida em que guerras civis são particularmente suscetíveis à permutação entre visibilidade e significância: informações com ampla visibilidade, como discursos de elites ou a copiosa divulgação de atrocidades, não podem ser tomadas superficialmente e são menos significativas que as evidências, mais difíceis de obter, sobre certos aspectos das guerras civis que são cruciais mas insuficientemente investigados e teorizados, tais como os tipos de técnicas de combate e de agentes envolvidos, as formas de obtenção de recursos e os padrões de violência. Ao ilustrar as potenciais armadilhas que se apresentam ao pesquisador, este artigo argumenta que um programa de pesquisa acerca das guerras civis precisa adotar uma tal abordagem.

Recebido para publicação em
2 de junho de 2003.

Stathis N. Kalyvas é professor
do Departamento de Ciência
Política da Universidade de
Chicago.

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 66, julho 2003
pp. 129-143
